



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CORPOS (MAL) DITOS: A REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NA ARENA DOS ESTUDOS FEMINISTAS

Alex dos Santos Guimarães*
(UFS)

RESUMO

Os exames sobre o corpo vêm adquirindo significativa importância na arena contemporânea dos estudos feministas. A questão corporal, nesse sentido, tem se revelado como um promissor campo teórico, onde as experiências, e/ou representações simbólicas, ganham acentuado valor nas narrativas escritas por mulheres, desvelando, ainda, os possíveis locais de inscrições sociais, políticas, culturais, históricas e cartográficas. Partindo dessas assertivas, algumas questões passam a ganhar relevo quando lemos Memórias de Marta, a primeira narrativa da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934): como o corpo feminino é representado no imaginário da autora? Ele é figurado de acordo com as oposições binárias mente/corpo? Ele é realmente dócil e disciplinado? Ou ele é deslocado para além do binarismo mente/corpo? Enfim, qual a importância do corpo na narrativa de D. Júlia?

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Crítica Feminista, Oposições Binárias.

INTRODUÇÃO

De acordo com Elizabeth Grosz (2000), as teorias feministas vêm aceitando, acriticamente, muitas das proposições filosóficas sobre o corpo, participando, inclusive, do discurso misógino que caracteriza a razão ocidental por meio de oposições binárias. “Feministas e filósofos parecem compartilhar uma visão

* Graduado em História (UESB), especialista em Teoria e História Literária (UESB); mestrando em Teoria Literária e Crítica da Cultura (UFSJ), bolsista da FAPEMIG. E-mail: lexhisto@yahoo.com.br

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

comum do sujeito humano como um ser constituído por duas características opostas dicotomicamente: mente e corpo, pensamento e extensão, razão e paixão, psicologia e biologia” (GROSZ, 2000, p. 47). As propostas desse pensamento dicotômico hierarquizam e classificam os dois termos envolvidos, privilegiando o primeiro enquanto positivo e o segundo como subordinado e negativo. Assim,

O termo subordinado é meramente negação ou recusa, ausência ou privação do termo primário, sua queda em desgraça; o termo primário define-se expulsando seu outro e neste processo estabelece suas próprias fronteiras e limites para criar uma identidade para si mesmo. Assim, o corpo é o que não é a mente, aquilo que é distinto do termo privilegiado e é outro (GROSZ, 2000, p. 47-48).

A oposição binária mente/corpo, por vezes, manteve-se relacionada, lateralmente, com vários outros pares binários, o que sugere uma correlação intercambiável com as distinções entre “razão e paixão, sensatez e sensibilidade, fora e dentro, ser e outro, profundidade e superfície, realidade e aparência, mecanismo e vitalismo, transcendência e imanência, temporalidade e espacialidade, psicologia e fisiologia, forma e matéria, e assim por diante” (GROSZ, 2000, p. 48-49). Voltar-se para a diferença binária entre mente/corpo é, conseqüentemente, estabelecer esta relação com a oposição macho/fêmea, em que a mente é vista positivamente com o masculino e o corpo negativamente com o feminino.

Assim, a história da humanidade nos revela características importantes sobre o pensamento filosófico que parece sempre privilegiar a mente em detrimento do corpo. Para Platão, o corpo (soma) é visto como uma cela (sema), que aprisiona o espírito humano. O próprio corpo, enquanto materialidade, é entendido como imperfeição da ideia, como traição da alma, da razão e da mente. Aristóteles distingue, também, a matéria (o corpo) da forma, já no limiar da razão

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ocidental, e que será, por sua vez, reconfigurado posteriormente na tradição cristã através da distinção do que é imortal (mente ou alma) daquilo que é mortal (corpo ou carne). “Durante a vida, mente e corpo formam uma unidade indissolúvel que, com a morte, é rompida, tendo a alma sua imortalidade garantida enquanto o corpo vira pó” (XAVIER, 2007, p. 17).

Descartes, por sua vez, mantém a distinção entre mente e corpo, estabelecendo, agora, a incompatibilidade entre duas substâncias que ele nomina de *res cogitans* (mente) e *res extensa* (corpo). O que, de fato, foi instituído por Descartes em suas elucubrações filosóficas, foi justamente a criação do dualismo que exclui mutuamente a relação mente e corpo, elevando a consciência acima da corporalidade.

Grosz (2000) vem demonstrando como o dualismo cartesiano tem marcado indelevelmente o pensamento ocidental moderno, que influencia, sobremaneira, várias das concepções contemporâneas sobre a corporalidade feminina. Portanto, o dualismo proposto por Descartes não explica, satisfatoriamente, muitas das questões levantadas pela teoria feminista. Assim, podemos conjecturar que a teoria cartesiana reforça a opressão sofrida pelas mulheres por meio da desvalorização social do corpo (mulher) em detrimento da mente (homem).

Para Grosz (2000), o dualismo cartesiano gera alguns problemas que, entretanto, o pensamento de Espinosa, desenvolvido entre outros por Foucault e Deleuze, tenta resolver. Na tentativa de deslocar e desconstruir muitas das concepções binárias, como mente/corpo e cultura/natureza, Espinosa promove uma espécie de monismo, sugerindo a noção de substância infinita. Assim, “ao passo que Descartes estabelece duas substâncias irreduzivelmente distintas e incompatíveis, para Espinosa esses atributos são meramente aspectos diferentes de uma e a mesma substância, inseparáveis um do outro” (GROSZ, 2000, p. 62).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Cumprе reconhecer, desta maneira, a historicidade do corpo e a negação de uma pretensa naturalização, visto que “corpos, individualidades, são tecidos históricos, sociais, culturais, da biologia”, e, “sendo auto-idêntico, o corpo deve ser visto como uma série de processos de tornar-se, ao invés de como um estado fixo de ser” (GROSZ, 2000, p. 65). Colocando-se em discordância da ideia de dualismos opostos, o caminho iniciado por Espinosa torna-se muito mais útil para os estudos feministas, uma vez que as oposições binárias vêm participando da discriminação das mulheres por meio do discurso misógino.

O pensamento misógino frequentemente encontrou uma auto-justificativa conveniente para a posição social secundária das mulheres ao contê-las no interior de corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis, sujeitos a várias intrusões que estão fora do controle consciente. A sexualidade feminina e os poderes de reprodução das mulheres são as características (culturais) definidoras das mulheres e, ao mesmo tempo, essas mesmas funções tornam a mulher vulnerável necessitando de proteção ou de tratamento especial conforme foi variadamente prescrito pelo patriarcado (GROSZ, 2000, p. 67).

Graças a esse entendimento, o discurso falocrático desenhou a interpretação das desigualdades entre homens e mulheres, dando a entender que as oposições binárias macho/fêmea participam da correlação mente/corpo. Esse posicionamento considera o corpo feminino sempre mais frágil e vulnerável que o masculino, justificando, assim, as desigualdades sexuais. Conseqüentemente, a vinculação da mente à masculinidade e do corpo à feminilidade, acaba restringindo o campo de ação das mulheres ao universo biológico, ao passo que amplia o raio de ação do homem por meio do monopólio da mente e do saber.

A teoria feminista tem, portanto, grande interesse em (re)avaliar algumas noções de corporalidade o que, por sua vez, pode evidenciar um grande

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

leque de posições diferentes, algumas vezes opostas, em relação ao assunto. O feminismo igualitário de Beauvoir, Shulamith Firestone, Mary Wollstonecraft, algumas feministas liberais, conservadoras, humanistas e até mesmo ecofeministas, vê o corpo de maneira positiva e negativa, sugerindo duas visões fundamentais para a sua interpretação. “Na visão negativa, os corpos das mulheres são vistos como uma limitação inerente da capacidade das mulheres para a igualdade; do lado positivo, os corpos e as experiências das mulheres são vistos como dotando as mulheres de uma percepção especial, algo que falta aos homens” (GROSZ, 2000, p. 70-71).

Outras teóricas feministas, envolvidas com a noção de construção social da subjetividade, como Julia Kristeva e Nancy Chodorow, atribuem uma positividade ao corpo. Deste modo, o corpo é visto não mais como um obstáculo a ser vencido, mas sim como um objeto biológico, uma construção social inscrita em representações que demarcam o masculino e o feminino como constructos distintos. Nesse sentido, as teóricas do construcionismo social buscam a mudança de atitudes, crenças e valores, uma vez que o corpo é uma representação ideológica.

De maneira diferente, em relação às igualitaristas e construcionistas, teóricas como Luce Irigaray, Hélène Cixous, Gayatri Spivak, Judith Butler, entre outras, enxergam o corpo como um objeto cultural, entrelaçado por um sistema de significados. Este grupo compartilha de várias posições que o distingue de seus predecessores teóricos. Para elas, o corpo não deve ser visto como uma produção pré-discursiva; ao contrário, ele deve ser tido como um local de contestação, de lutas políticas, sociais, econômicas, sexuais e intelectuais. Em outras palavras, essas feministas estão preocupadas em romper a dicotomia sexo, como categoria essencializante, e gênero como uma categoria construcionista.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Se as feministas pretendem examinar o corpo como categoria de análise, ele precisa ser desvinculado da noção essencialista e a-histórica do discurso moderno e patriarcal que o enclausura em características eminentemente biológicas. Ou seja, é possível compreender, em outras áreas de conhecimento e da arte, o próprio corpo problematizado a partir da cultura.

Diante de tais proposições, fica sugerida a interação entre o cultural e o natural, o que nos leva a rejeitar, por sua vez, as oposições binárias. Em contraposição, Grosz sublinha a necessidade de uma subjetividade corporificada, ou uma corporalidade psíquica. Nesse sentido, buscamos analisar a representação psíquica e social das personagens femininas no romance *Memórias de Marta*. Assim, “tanto a dimensão psíquica quanto a social devem encontrar lugar numa reconceitualização do corpo, não uma em oposição à outra, mas como necessariamente interativas” (GROSZ, 2000, p. 85).

A experiência do sujeito feminino, representado em *Memórias de Marta*, de Júlia Lopes de Almeida, faculta-nos alcançar uma hermenêutica da narrativa, cuja protagonista, Marta, rompe paradigmas secularizados, desencadeando uma dinâmica memorialística para o desenrolar das peripécias narrativas. Essa personagem, por sua vez, constitui o sujeito feminino que narra suas memórias e cuja trajetória evidencia uma transgressão ao modelo idealizado de mulher burguesa, corrente na sociedade do século XIX. Esse trajeto abre uma possibilidade de interação entre a História e a Literatura, na medida em que a invenção discursiva de uma condição feminina passa a ser questionada nas entrelinhas da literatura escrita por Júlia Lopes de Almeida. Desta maneira, contrariando a tradição do cogito, Paul Ricoeur (1990) pondera que “só nos compreendemos pelo grande atalho dos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura. O que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos e,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

em geral, de tudo o que chamamos de o si, caso isso não fosse referido à linguagem e articulado pela literatura?” (p. 58).

A obra *Memórias de Marta*, que narra as memórias da protagonista em idade já adulta, abre espaço para entendermos como o binarismo mente/corpo, relacionado a homem/mulher, é problematizado e, de certa forma, invertido por meio de uma perspectiva feminina. Nesse trajeto, é possível delinear os meios pelos quais Marta subverte o ideal feminino do século XIX, abalando a fixidez de uma hegemonia masculina supostamente não contestada. Contrariando a expectativa masculina e romântica sobre a mulher – detentora de grandes predicados físicos e domésticos –, Júlia Lopes de Almeida (2007)¹³³ nos oferece uma personagem feia e inabilidosa para as prendas domésticas.

Eu, além de feia, era inabilidosa. Nunca soube fazer um laço, cortar um vestido, pregar uma flor. A pequenez dos meus olhos de um verde sujo, a cor trigueira das minhas faces de maçãs salientes, a longura dos meus braços finos e os modos desengraçado do meu andar, que eu nunca soube corrigir, asseguravam-me que ninguém pousaria em mim a vista com prazer; que eu cortaria a vida, de ponta a ponta, sem deter os passos de quem quer que fosse num movimento espontâneo de simpatia (MM, p. 98).

Essa ideia central rompe com o perfil idealizado de mulher oitocentista. O corpo feminino, no qual repousaria o encanto do “belo sexo”, é modificado por uma fealdade que, dentro da narrativa, traz uma tensão engendrada pelo não cumprimento do script social e ideológico da época. A autora lança mão da representação do espelho para escrutar as ambiguidades despertadas por ele: riqueza/pobreza, beleza/feiura. Tais ambiguidades servem para expor as oposições binárias que ainda permeavam o imaginário da época e que, por sua vez, tinha no corpo o objetivo de medida e comparação. Como

¹³³ A partir desta citação, todas as demais provenientes de *Memórias de Marta* virão assinaladas como MM e discriminado o número da página.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

exemplo, podemos utilizar a passagem em que Marta, acompanhando a sua mãe na entrega das roupas engomadas, encontra com a Lucinda, filha de uma freguesa, e é obrigada a “aspirar o veneno da inveja pela primeira vez” (MM, p. 50). Assim,

Acabada a música conduziu-me para frente do espelho, um grande espelho que vinha do teto ao chão. Olhou bem para si e mediu-me depois a imagem refletida a seu lado, de alto a baixo.

Compreendi a minha fealdade pela primeira vez. Que diferença entre nós duas.

Ela, muito corada, olhos brilhantes de alegria e de orgulho, o vestido claro, curto, as meias esticadas por cima dos joelhos... Eu, pálida, o cabelo muito liso, feito em uma trança apertada, as pernas magras, as meias de algodão engilhadas, o vestido de lã cor de havana, comprido e esgarçado; os sapatos cambaios [...] (MM, p. 51).

Entretanto, o espelho que inicia o despertar para a sua realidade social e, ao mesmo tempo, a sua fealdade, será o mesmo a indicar novas perspectivas. “O espelho da Lucinda reproduziu-se por mil modos na minha imaginação” (MM, p. 78). Nesse sentido, a Carolina, filha mais velha da ilhoa, representa um pequeno arquétipo de “anjo do lar”, justamente por nunca ter-se visto no espelho da Lucinda, nunca ter tido a possibilidade de se enxergar sem a perspectiva de outra pessoa, de se descobrir:

[...] a Carolina! Um anjo condescendente e sofredor, que levava beliscões tendo por isso nódoas negras em seu corpo de gafanhoto, muito branco. A Carolina tinha juízo como uma senhora, e coração imaculado; enfim, a Carolina não entrara nunca em uma casa como a da Lucinda, nem se vira em frente de um espelho, miserável e feia, ao lado de outra menina de sua idade, bela e orgulhosa... (MM, p. 71).

O espelho parece limpar as imagens ofuscadas pelo sistema de valores idealizados. Ele jamais reflete a imagem solitária da protagonista, pelo contrário,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ele compara, mede, calcula, informa sobre outras imagens femininas: “Levantei-me, fui também ao espelho: que diferença entre mim e as outras!” (MM, p. 102). Lucinda e Carolina são arquétipos femininos, a primeira representa um ideal burguês das prendas, da beleza e de uma educação voltada para o arranjo de um bom casamento, ao passo que a segunda corresponde ao “anjo condescendente” do lar, sempre passiva e conformista.

Se, por um lado, Lucinda e Carolina são bastante representativas do ideal de feminilidade dos Oitocentos, por outro, Marta rompe com qualquer possibilidade, a priori, de conseguir um bom casamento – ideal burguês. A beleza, da qual Marta não participa, é o principal capital feminino. Perrot (2007) pondera que “um homem pode desejar uma jovem pobre, mas bela. Os encantos femininos constituem um capital” (p. 47). A tirania do espelho ideológico, que modela o sujeito feminino do século XIX, cria uma espécie de mandamento para as moças: “Primeiro mandamento das mulheres: a beleza. ‘Seja bela e cale-se’, é o que se lhe impõe, desde a noite dos tempos talvez” (PERROT, 2007, p. 50).

A sequência episódica da obra Memórias de Marta remete a um novo movimento narrativo, no qual a vida da protagonista parece fugir do ideal romântico de mulher do século XIX. O corpo de Marta torna-se indisciplinado na medida em que ele é posto como ponto de referência para se questionar a sua negatividade, a sua marca de feminilidade. Os padrões de beleza, que regem os comportamentos esperados da mulher em uma sociedade rasurada pelos monturos discursivos do horizonte masculino, são desconstruídos em um movimento narrativo como estímulo propulsor a gerar uma nova significação. O binarismo mente/corpo passa a ser invertido sob o viés de uma escritura que passa a questionar os valores vigentes da época. O primeiro termo (mente), visto enquanto positividade relacional ao masculino, passa por uma inversão narrativa ganhando contornos femininos. Já o segundo termo (corpo), tido negativamente

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

como atributo feminino, passa a ser questionado por uma fealdade que abala a perspectiva de beleza, daquilo que se convencionou chamar de “belo sexo”.

Rocha-Coutinho sublinha (1994) que “as meninas eram encorajadas a serem dóceis” (p. 59), deveriam concorrer para a perfeita “harmonia” da sociedade finissecular. Um corpo dócil é justamente aquele “que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2009, p. 132). A linguagem, por sua vez, é o local onde se instaura o poder da submissão, uma vez que “a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 1977, p. 14). No entendimento de Foucault as disciplinas fabricam os corpos dóceis, uma vez que

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (FOUCAULT, 2009, p. 133).

Os corpos dóceis e disciplinados, do qual fala Foucault, são justamente aqueles representados por Lucinda e Carolina, que são utilizados e aperfeiçoados discursivamente durante séculos pela perspectiva misógina. Haveria algo mais disciplinador do que o discurso literário? Este, porém, pode ser subvertido, manipulado e/ou negociado com os códigos normativos de uma época. Em Memórias de Marta o “belo sexo” é transformado em um “feio sexo”, indisciplinado. Se, por um lado, o segundo termo (corpo) passa por uma inversão, o primeiro (mente), por sua vez, ganha novos contornos dentro da narrativa em tela.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Rompendo e, ao mesmo tempo, desarticulando o princípio da mente enquanto atributo eminentemente masculino, Júlia Lopes de Almeida sugere a possibilidade de melhorias sociais, econômicas e culturais para as mulheres. Em sua narrativa, Almeida faz uma reflexão sobre as tensões femininas de sua época que se instauram no casamento burguês, por meio do enlace de Marta com Miranda, “homem de quarenta e tantos anos” (M M, p. 148). Este se apaixonara pelo espírito e intelecto daquela, lendo as cartas que Marta enviava à mãe sob a influência da paixão por Luís, primo da mestra da protagonista, como bem atesta sua mãe: “Ele apaixonou-se por ti na leitura das cartas que me escreveste de Palmeiras” (MM, p. 148). Tais tensões ganham fôlego na postura de sua mãe que a queria casada por conta do renome feminino, condicionado ao discurso androcêntrico: “ouve-me filha: a reputação da mulher é essencialmente melindrosa. Como o cristal puro, o mínimo sopro a enturva” (M M, p. 143). A mãe de Marta parece indicar a voz de um passado decrépito, de um imaginário que tende a sugerir o “lugar” da mulher finissecular. Entretanto, é possível conjecturar que esse embate discursivo entre o passado (mãe) e o presente (Marta), trata-se, na verdade, de uma estratégia, de uma negociação com aquele contexto histórico. Em contrapartida, Marta reluta à proposição de um casamento sem amor – “Não desejo casar-me”, uma vez que “alcancei uma posição independente [e intelectual]; não precisarei do apoio de ninguém” (M M, p. 149).

Os predicados intelectuais alcançados a duras penas por uma mulher oitocentista, oriunda das camadas subalternas do Rio de Janeiro Imperial, e subtraída de qualquer atributo físico, indiciam uma estratégia discursiva que trapaceia com os padrões daquele momento histórico. “Bem cedo neste país ardente as mulheres ouvem dizer que as amam, e eu só aos vinte e quatro anos despertava num coração cansado uma paixão sossegada e mansa...” (M M, p. 150).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A superioridade intelectual de Marta, diagnosticada por ela própria sobre o Miranda – “[Miranda] falava sem preocupações incorrendo mesmo, uma ou outra vez, em certos vícios de linguagem: de maneiras que...” (M M, p. 154) –, pode ser reveladora da maneira como a relação do primeiro termo do binarismo mente/corpo passa a ser problematizado sob a perspectiva de novos significados. “Eu notava aquilo sem desgosto, imersa numa atonia estúpida! Só depois de ele se ir embora é que eu, ironicamente, os enumerei a minha mãe; ela ouviu-me calada e depois afirmou-me que nem sempre os maridos mais ilustrados eram os melhores” (M M, p. 154). A mãe de Marta parece sugerir atitudes exemplares da mulher para conservar as aparências e salvaguardar, sempre, o bom casamento:

Quando um homem de espírito superior não encontra na esposa um entendimento claro, uma percepção nítida das coisas, uma inteligência preparada para a perfeita compreensão da sua, como um refletor das suas ideias, esse homem deixa de lhe comunicar os seus projetos de futuro, ambições, estudos, trabalho, triunfos e desgostos, por julgá-la incapaz de uma consolação ou de um aplauso! E assim, sem troca de emoções nem conversas íntimas, procura cada um para seu lado satisfazer as necessidades absolutas dos seus gostos e temperamentos. A mulher, então, ou se resigna a viver encolhida em casa, na humilhante posição de mera governante, ou revolta-se contra a superioridade do marido e provoca-o de todas as maneiras, desde a mais séria até a mais fútil! (M M, p. 154-155).

Entretanto, a continuidade do excerto pode indiciar uma outra alternativa, uma outra negociação: “Agora, quando, ao contrário, é a mulher a mais inteligente e a mais ilustrada, sendo ponderosa, sensata, boa, o marido venera-a, respeita-a, e faz-lhe sem temor as suas confidências de venturas e de pesares!” (M M, p. 155). Todavia, por tratar-se da voz representante do imaginário pretérito, a mãe de Marta pondera uma sugestiva trapaça: “Cabe-lhe a ela então disfarçar a diferença



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

intelectual que entre os dois exista e procurar nivelar-se com ele ao mesmo tempo em que insensivelmente lhe vai polindo a educação” (M M, p. 155).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Julia Lopes de. **Memórias de Marta**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cítrix, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Tradução de Raquel Ramallete. 37. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- GROSZ, Elizabeth. **Corpos reconfigurados**. **Cadernos Pagu** (14); Campinas: São Paulo, 2000, pp. 45-86.
- PERRON, Michelle. **Minhas Histórias das Mulheres**. (Tradução Ângela M. S. Corrêa). São Pulo: Contexto, 2007.
- RICOUER, Paul. **Interpretação e ideologias**. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.